



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA

LÍGIA DA SILVA SANTOS

INTERFACES VINCULADAS À PRÁXIS DA PEDAGOGIA DA VOZ:
SLAM, UM GRITO DE LIBERDADE

Maceió
2024

LÍGIA DA SILVA SANTOS

**INTERFACES VINCULADAS À PRÁTICA DA PEDAGOGIA DA VOZ:
SLAM, UM GRITO DE LIBERDADE**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Feijó.

Maceió
2024

LÍGIA DA SILVA SANTOS

INTERFACES VINCULADAS À PRÁXIS DA PEDAGOGIA DA VOZ: SLAM, UM GRITO DE LIBERDADE

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 25/09/2024.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Feijó (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDA FEIJÓ**
Data: 01/10/2024 17:33:29-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Fernanda Feijó (CEDU/UFAL)

Presidente

Documento assinado digitalmente
 **JUSCINEY CARVALHO SANTANA**
Data: 01/10/2024 19:15:21-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Jusciney Carvalho Santana (CEDU/UFAL)

2º. Membro

Documento assinado digitalmente
 **LUIZA CRISTINA SILVA SILVA**
Data: 02/10/2024 10:37:38-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Luiza Cristina Silva Silva (CEDU/UFAL)

3º. Membro

Maceió

2024

INTERFACES VINCULADAS À PRÁXIS DA PEDAGOGIA DA VOZ: SLAM, UM GRITO DE LIBERDADE

Lígia da Silva Santos

E-mail: ligia.santos@cedu.ufal.br

Fernanda Feijó

E-mail: fernanda.feijo@cedu.ufal.br

RESUMO: Este trabalho apresenta uma breve reflexão sobre o Slam, que é um gênero literário de resistência, inspirado no rap, surgido na periferia de Chicago, nos Estados Unidos, na década de 1980 e que se expressa como uma força de contestação às opressões étnico-raciais sofridas, principalmente, por pessoas negras e afrodescendentes. No Brasil, o Slam se popularizou a partir de 2008 na cidade de São Paulo. Este trabalho tem como objetivo demonstrar a importância do Slam para o processo educacional na educação básica. A metodologia utilizada é de uma revisão integrativa de literatura com base em estudos publicados em bases de dados. Constata-se que o Slam pode ser uma ferramenta pedagógica para incentivar a criatividade e desenvoltura dos estudantes, além de promover conscientização sobre questões sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Slam. Escola. Conscientização. Étnico-racial.

ABSTRACT: This paper presents a brief reflection on Slam, which is a literary genre of resistance, inspired by rap, which emerged on the outskirts of Chicago, in the United States, in the 1980s, and which expresses itself as a force to challenge ethnic-racial oppression, suffered mainly by black and afro-descendant people. In Brazil, Slam became popular in 2008 in the city of São Paulo. This work aims to demonstrate the importance of Slam for the educational process in basic education. The methodology used is an integrative literature review based on studies published in databases. It appears that Slam can be a pedagogical tool to encourage creativity and resourcefulness in students, in addition to promoting awareness of social issues.

KEYWORDS: Slam. School. Awareness. Ethnic-racial.

1 INTRODUÇÃO

A educação das relações étnico-raciais é uma temática que vem sendo discutida constantemente na sociedade. A construção de um país mais justo e igualitário tem entre os ideais possibilitar oportunidades para todas as pessoas que saibam conviver com as diferenças (sem preconceitos).

Com base nessa necessidade, o governo federal acrescentou à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394/1996), a partir da Lei n.º 10.639/2003, alterada pela Lei n.º 11.645/08, a obrigatoriedade do estudo da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena de forma a resgatar as contribuições dos povos originários para a história e a constituição da sociedade brasileira.

Considerando que a escola é um ambiente de socialização e vivência

cultural da criança, é importante que desde os primeiros anos de escolarização os estudantes reflitam sobre si e o mundo que os rodeia, tendo como aporte uma educação antirracista. É preciso despertar e impulsionar o senso crítico dos alunos e encorajá-los para ocuparem seus lugares de fala. Diante desta questão em impulsionar o senso crítico podemos apontar a relevância do Slam ou *Poetry Slam*, identificado no Brasil como um gênero literário de resistência, caracterizado pela declamação de versos em espaços públicos, inspirados pelo rap, sintonizados com a vida nas periferias e experimentados coletivamente.

Assim, diante do exposto surge o seguinte problema: o Slam seria uma ferramenta apropriada para discutir o racismo no ambiente escolar na educação Brasileira, de forma que construa narrativas viáveis no combate a este preconceito? Parte-se da hipótese de que a disseminação de discursos extremamente preconceituosos e conservadores ganham força no cenário nacional, onde se tem como porta-vozes políticos, religiosos e celebridades, que utilizam as mídias para disseminar o ódio e o preconceito.

Nesse cenário, a escola seria um espaço primordial para se contrapor aos supracitados discursos, porém acaba por não exercer esse papel, considerando-se sua utilização como aparelho ideológico do Estado, conforme alerta Althusser (1987). Segundo esse autor, a escola seria uma instituição em posição dominante com relação a outras (família, religiões e mídia), contribuindo para reproduzir as relações sociais de produção capitalista na medida em que forma a força de trabalho e apregoa a ideologia burguesa em favor da manutenção e reprodução da ordem social vigente.

Assim, o Slam pode ser considerado um grito de resistência dentro da escola, buscando uma forma de educação emancipatória que se oponha à opressão e à discriminação, defendendo a igualdade entre as pessoas como um dos princípios e valores que regem os direitos humanos.

Nesse sentido, este trabalho encontra justificativa nos pressupostos da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), que busca concretizar um estado democrático, que tenha como base uma sociedade digna para as pessoas, num país onde ainda existe uma realidade marcada por posturas objetivas e subjetivas de preconceito, racismo e discriminação aos afrodescendentes, que em seu processo histórico enfrentaram e enfrentam dificuldades de acesso e permanência nas escolas.

O Slam é uma expressão artística baseada na poesia falada em forma de

protesto, criada em 1980 nos Estados Unidos e trazida para o Brasil apenas no ano de 2008 (Cristi; Lopes, 2022). A expressão Slam quer dizer batida, algo que se assemelha a uma pancada, e geralmente é isso que os slammers fazem: impactam os espectadores com seus protestos, demandas, vivências e temores em forma de poesia ou frases soltas que se encontram em uma junção perfeita dentro desses espaços de fala que cada slammer tem para batalhar. Sendo assim, o Slam é um recurso interessante para discutir esses temas de racismo e discriminação.

Diante desse contexto, o objetivo deste trabalho é demonstrar a importância do Slam para o processo educacional na educação básica e contempla: apresentar estudos que apontem a importância do Slam para o combate ao racismo na educação básica; estabelecer relações entre a cultura afro-brasileira, o Slam e a educação formal; apontar caminhos para a utilização do Slam como ferramenta de educação antirracista.

É importante ter a consciência da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra no Brasil, tendo pedagogias de combate ao racismo e à discriminação elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico-raciais, bem como, professores comprometidos em trabalhar com as diversidades étnicas, sabendo respeitá-las e trabalhá-las conforme as leis propõem.

Além dessa introdução e das considerações finais, esse artigo está organizado da seguinte forma: a primeira seção é destinada a debater a metodologia do trabalho, na segunda seção têm-se os resultados encontrados com o levantamento de estudos que compõem este artigo; e na terceira seção faz-se uma discussão em torno dos resultados encontrados nos estudos.

2 METODOLOGIA

Neste trabalho tem-se uma revisão integrativa de literatura, método que tem como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e abrangente. É denominada integrativa porque fornece informações mais amplas sobre um assunto/problema, constituindo, assim, um corpo de conhecimento. Deste modo, o revisor/pesquisador pode elaborar uma revisão integrativa com diferentes finalidades, podendo ser direcionada para a definição de conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica dos estudos incluídos de um tópico particular (Marconi; Lakatos, 2019).

Esta revisão integrativa possui abordagem explicativa por meio de um levantamento de estudos que tratam do Slam como ferramenta para o enfrentamento ao racismo a partir do processo educacional nos ambientes de ensino.

A busca dos estudos foi realizada nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Google Acadêmico* utilizando na pesquisa os seguintes descritores: racismo; Slam; criticidade; escola; e os operadores booleanos *AND* e *OR*. Como critérios de inclusão foram identificados estudos (artigos originais e de revisão) publicados nos últimos dez anos referentes ao tema ou correlato, em língua portuguesa. Como critérios de exclusão foram descartados artigos disponibilizados de forma incompleta, inferior aos últimos dez anos, e artigos não disponíveis na íntegra de forma gratuita.

Partindo dos descritores selecionados para busca de estudos relacionados ao tema deste trabalho, foram levantados 20 estudos nas bases de dados mencionadas, dos quais 16 foram selecionados após a leitura de tema e resumo e por contemplarem de forma ampla a proposta da temática desenvolvida.

3 RESULTADOS

O quadro abaixo descreve dados característicos dos estudos selecionados:

Quadro 1 – Estudos selecionados para análise e discussão

Título	Autor/ano	Delineamento	Base de dados/Revista
“Slam” é voz de identidade e resistência dos poetas contemporâneos	Neves (2017)	Revisão bibliográfica	SciELO
Poetry Slam na Escola: embate de vozes entre tradição e resistência	Viana (2018)	Estudo de caso	SciELO
Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência	Freitas (2019)	Revisão bibliográfica	SciELO
O slam como representação de literatura marginal e manifestação cultural na escola	Alves; Souza (2020)	Revisão bibliográfica	SciELO
Desenvolvimento do Senso crítico através do Slam	Dziedicz; Zanella (2020)	Pesquisa participante	Google Acadêmico
O gênero poetry slam: reexistência e construção da identidade negra como um grito das vozes do sul	Felix (et al., 2020)	Análise discursiva	Google Acadêmico

Slam poetry como confronto nas ruas e nas escolas	Silva; Losekann (2020)	Etnografia política	Google Acadêmico
Slam: poesia e performance de resistência	Volmer; Souza, Conte (2020)	Revisão bibliográfica por meio de um olhar analítico dialógico e polifônico	Scielo
Letramentos literários e translinguagem entre as ruas e as escolas do sul global: o slam interescolar como prática Enativo-performativa decolonial	Abreu; Rocha; Maciel (2021)	Revisão narrativa	Scielo
Slam poetry, Consumo e Politicidades: Pistas Iniciais Para Desenvolver Uma Investigação Narrativa	Gelain (2021)	Revisão narrativa	Scielo
A encruzilhada e as possibilidades do protagonismo da juventude negra: o caso do slam da Guilhermina	Melo (2021)	Revisão bibliográfica por meio de uma pesquisa participante	Google Acadêmico
O que a juventude negra do slam tem a dizer para a psicologia social?	Prates; Guareschi; Reis (2021)	Revisão narrativa	Scielo
O rap e o slam como poéticas de protesto contemporâneas afro-brasileiras	Santos (2021)	Pesquisa bibliográfica, qualitativa e descritiva	Scielo
Slam em movimento: a poética, a política e a história em público (2008 – 2019)	Souza (2021)	Pesquisa participante	Google Acadêmico
Arte, protesto e sociabilização na praça: revelando práticas do poetry Slam no espaço público curitibano	Bortolozzo; Rosaneli (2022)	Pesquisa participante	Google Acadêmico
O Slam: linguagem, conhecimento e conscientização	Cristi; Lopes (2022)	Revisão bibliográfica	Scielo

Fonte: Pesquisa, 2023.

A partir deste levantamento faz-se uma análise e discussão sobre os resultados apresentados nos estudos, evidenciando o objetivo, metodologia e conclusão dos pesquisadores buscando salientar a importância do Slam no combate ao racismo, como ferramenta de letramento literário e racial, e como expressividade criativa num duelo que desperta senso crítico e em que todos ganham conhecimento e consciência e lugar de fala, e que se reflete na necessidade de uma prática pedagógica antirracista.

4 DISCUSSÃO

Slam são batalhas de poesia falada que seguem algumas regras, apresentando-se como poesias autorais de até três minutos sem a utilização de objetos cênicos e sem acompanhamento musical; corpo e voz são elementos fundamentais; as notas são dadas por um júri popular, que é escolhido no momento da competição (Santos, 2021). Como exemplo tem-se o seguinte trecho de uma poesia Slam:

Você comemora 13 de maio, é?
 Eu sei bem por quê!
 Porque nos livros de História
 Não contaram o que aconteceu!
 Num dia éramos escravos
 E no dia seguinte libertos
 Mas não nos deram estrutura
 Não fizeram o que era o certo!
 E como num passe de mágica:
 – Agora se vira, ô negro!
 Isabel nos libertou
 Porque a Inglaterra pressionou,
 Não porque ela era boazinha!
 Se boazinha ela fosse
 Tinha era indenizado as negrinhas!
 – E não ia ser mais que obrigação!
 E da desigualdade se ergueu um país
 Negros têm mais alta taxa de mortalidade
 Pela polícia e seus fuzis
 ‘Auto de resistência’
 Mas ninguém liga! Nossa vida não vale nada!
 Viramos estatística!
 Foram cento e onze balas achadas
 No carro de cinco meninos indefesos!
 Seus crimes: eram pretos! Pretos!
 E a lavagem cerebral racista
 Começa dentro de casa
 Desde cedo a TV ensina que bonito é ter a pele clara!
 Alva, branca
 Como a da Xuxa
 Que me empurraram na infância
 Como padrão de beleza!
 Como demorei a entender que nunca ia ter paqueta preta!
 E como diz Nação Zumbi:
 ‘A revolução não vai passar na TV, é verdade’
 E não vai mesmo!
 Em pleno século 21
 A Globo fez uma Bahia sem pretos! (Paula, 2019, p. 1).

O Slam se traduz como um ato de resistência e conscientização sobre o racismo, como um grito que reverbera a opressão e o preconceito gerado por racistas, bem como revela a falta de informação da sociedade e, principalmente, dos próprios

negros em reconhecer seu lugar de fala no combate ao preconceito e na mudança de paradigmas (Silva; Losekann, 2020).

Partindo dessa constatação, os estudos selecionados buscam evidenciar o quanto o Slam pode ser utilizado como ferramenta na educação de base, em especial, para despertar a consciência crítica em torno da segregação social com os negros, aprendizagem sobre letramento racial, reconhecimento da cultura afrodescendente como parte da construção histórica do Brasil, dentre outros ensinamentos que podem ser expressos através do Slam, no combate ao racismo na educação básica.

Conforme Neves (2017) os campeonatos de slam foram introduzidos no Brasil por Roberta Estrela D'Alva, a slammer (poetisa) brasileira mais conhecida pela mídia e que conquistou o terceiro lugar na Copa do Mundo de Poesia Slam 2011, em Paris. Na visão desta pesquisadora, os slammers anseiam serem considerados escritores assim como outros autores nacionais, e argumenta que essa literatura periférica rompe com a linguagem culta e incomoda àqueles que valorizam apenas os requisitos da literatura tradicional.

Neves (2017) define que o slam é uma atitude de “reexistência”, termo criado com a fusão das palavras existência e resistência e ressalta a importância de se levar o slam para as escolas, em razão de contribuir para a formação de alunos leitores e escritores conscientes, dispostos a reivindicarem mudanças educacionais e sociais.

O papel da escola é fundamental na disseminação dos “slams”, como incentivo para os alunos expressarem “seus modos de existir” e suas reivindicações por “uma cultura jovem, popular, negra e pobre, de moradores da periferia, bem diferentes do gosto canônico, branco e de classe média” (Neves, 2017, p. 3).

Por meio do slam, os alunos tornam-se “agentes de letramentos de reexistência”, pois recriam a cultura oficialmente escolar letrada, e os slams, passam a ser porta-vozes da revolta, identidade e resistência, porque “[...] é preciso resistir para existir. Poesia é reexistência” (Neves, 2017, p. 3), destacando que a nova poesia contemporânea se torna um desafio para a escola em razão das próprias peculiaridades que cercam o slam.

Viana (2018) reflete sobre o embate de vozes que existe no ambiente escolar, que seriam o discurso tradicional escolar ou a força ideológica dominante e os discursos de resistência, entendidos como as vozes dos estudantes dentro do processo dialético e dialógico.

Tais constatações são frutos de um estudo de caso realizado com uma turma de 6º ano, em uma escola estadual, da cidade de Tarumã/SP, no qual foram propostas atividades por meio do *poetry slam* para os estudantes expressarem suas vozes dentro do ambiente escolar; buscou-se estimular a escrita de enunciados autorais, de cunho poético-literário, reconhecendo o estudante também como sujeito autor; e proporcionou ao aluno um contexto real de produção, circulação e apreciação estética de enunciados. A partir dessas atividades analisou-se a maneira como os discursos dos alunos foram arquitetados em suas poesias, com relação ao conteúdo temático, forma composicional e estilo.

Viana (2018) observou um processo de apagamento da voz do aluno, um silenciamento gerado pela predominância da voz sistêmica e dominante, reproduzida pelo professor em sala de aula, concluindo que, diante desse contexto, o *poetry slam* é um espaço em que o aluno pode proferir os seus discursos, de acordo com suas particularidades, reconhecendo que a escola também é o lugar da livre reflexão, da pluralidade de pensamento e da arte. Desse modo:

Quando nos debruçamos no que os jovens têm a dizer, dando importância aos seus discursos, os reconhecemos como partes integrantes do processo de ensino-aprendizagem e contribuimos para a construção de um modelo de ensino-dialógico (Viana, 2018, p. 128).

Viana (2018) avalia que, apesar da resistência oferecida pelo sistema de ensino, é possível construir espaços que privilegiam a voz dos estudantes no ambiente escolar.

Partindo das visões de Neves (2017) e Viana (2019), que identificam o slam como um processo de resistência do povo negro dentro do ambiente escolar, o combate ao racismo depende também da prática pedagógica para uma educação antirracista. E nesse sentido, Uchôa, Chaves, e Pereira (2021) entendem que a educação antirracista é um direito humano que se concretiza por meio da implementação de um currículo que reconheça e valorize a cultura do povo negro no contexto escolar através do diálogo intercultural, permitindo aos negros seu lugar de fala, historicamente negada e marginalizada pelo processo colonial. Na prática, delineia-se que:

A Educação Antirracista, mediada por um currículo pautado na interculturalidade, problematiza as causas do racismo, busca a sua superação através de práticas de diálogo e intercâmbio cultural, visando a promoção da equidade social, o empoderamento das culturas da população

negra e a valorização da dignidade humana (Uchôa; Chaves; Pereira, 2021, p. 61).

No tocante à interculturalidade, Freitas (2019) investigou os entrelaçamentos entre poesia, cidadania e insurgência na São Paulo contemporânea a partir do Slam Resistência, batalha que acontece desde 2014, todos os meses, na Praça Roosevelt, no centro da cidade, tendo sido constatado que:

Na slam poetry, a poesia deixa o ambiente acadêmico, abandona os circuitos tradicionais de curadoria e produção de sentido, flerta com a canção popular e torna-se uma prática coletiva e, como tal, se estabelece no limite entre o oral, o escrito e o visual, fazendo da performance um elemento central. O significado dos poemas se constitui tanto através da narrativa em primeira pessoa sobre a experiência do/a slammer (narrativa que ele/a escreve e, desejavelmente, memoriza antes do evento, raramente improvisa como nas batalhas de MC's), da voz e do corpo do/a poeta, quanto da relação com a voz, o corpo e as histórias do público que ouve (Freitas, 2019, p. 3).

Freitas (2019) concorda que o slam transforma a relação entre público, poeta e poesia, redefinindo seus termos, ocupando e ressignificando o espaço público.

Em razão disso, Aves e Souza (2020) entendem que o slam tem se apresentado como uma prática de poesia extremamente democrática; um local aberto às mais variadas manifestações culturais e palco para aqueles que buscam se expressar livremente, mas apresentam como um contraponto o fato de manterem em meio a praças e parques, de forma muitas vezes marginalizada, inviabilizando que tais experiências sejam transformadas em dados estatísticos e números, tanto que “Devido a seu caráter multifacetado e fluído, a maior parte desses registros se encontram através de narrativas dos participantes ou gravação das performances” (Alves; Souza, 2020, p. 233).

Inserir o Slam dentro das escolas, possibilitaria aos jovens encontrarem nessa prática um espaço de protagonismo, de (re)descobertas e expressão da própria subjetividade, valendo-se de temáticas próprias do slam ou criando suas próprias temáticas, sejam pelas demandas apontadas a partir da própria realidade ou demandas externas, através da escrita, oralidade e performance. Nesse sentido

Encontrar definições específicas e fechadas a respeito desse tema se constitui tarefa das mais complexas, mas o que se sabe é que se tem apresentado como um espaço aberto, livre e democrático, onde questões atuais que vão desde a política até questões de gênero são debatidas de modo a constituir-se como um momento de desenfado, sem deixar de lado o posicionamento crítico (Alves; Souza, 2020, p. 236).

Aves e Souza (2020) acreditam que o ambiente escolar pode ser sensível à diversidade, considerando os alunos em sua pluralidade, dando espaço e voz às suas subjetividades, contribuindo para a formação de cidadãos plenamente capazes de exercerem seus papéis sociais.

Em projeto desenvolvido em duas escolas distintas, com alunos do 9º ano e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Dziedicz e Zanella (2020) pretendiam desenvolver nos alunos o senso crítico, a partir da constatação de que se calavam diante de qualquer tema que envolvesse opinião própria, por meio do Slam. Os alunos foram divididos em grupos de até 04 pessoas com temáticas, como racismo, violência policial, machismo, desigualdade, feminismo, violência contra a mulher, abandono de crianças e animais, meio ambiente, mas também foi possibilitado que os alunos sugerissem temas.

Dziedicz e Zanella (2020) constataram que os alunos do 9º ano foram bastante ativos nas discussões sobre as temáticas e batalhas de Slam, ao contrário dos alunos do EJA.

Os estudantes desenvolveram a curiosidade e, quanto à criticidade houve êxito sobre questões sociais, o que proporcionou a eles o aprendizado na busca pelas informações e a terem um posicionamento; mostraram-se abertos a escutar aquilo que outros indivíduos pensam sem fazer daquilo o próprio pensamento, sem refletir antes; desenvolveram sobre os colegas uma postura respeitosa, escutando as opiniões uns dos outros a fim de construir suas ideias e motivando-se à pesquisa para aprofundamento das temáticas e melhor abordagem (Dziedicz; Zanella, 2020).

Entre as constatações verificadas por Dziedicz e Zanella (2020), mais especificamente em relação ao racismo, há uma correlação com o pensamento de Souza (et al., 2022) por afirmarem que uma proposta de educação antirracista perpassa pela atuação do Movimento Negro enquanto propagador dos saberes dos povos negros, e para que seja efetivada essa proposta, como prática social, a formação docente precisa estar alinhada às teorias e práticas no combate ao racismo, considerando o diálogo e a própria formação do Movimento Negro como meios para estabelecer uma relação propícia à educação antirracista.

Nessa perspectiva, Felix (et al., 2020) buscaram compreender o *poetry slam* como gênero discursivo contemporâneo de reexistência, partindo do poder de intervenção e invenção da linguagem, e fundamentando-se na análise discursiva do poema-slam intitulado "Século XXI", do slammer carioca Wesley Jesus (WJ), que

aponta para posicionamentos de resistência aos discursos hegemônicos que legitimam a necropolítica voltada para jovens negros das periferias brasileiras.

Nesse sentido, tem-se que:

Parte da pesquisa contemporânea em Estudos da Linguagem tem se preocupado com o modo como nossos tempos vêm fazendo ecoar vozes e demandas sócio-historicamente tidas como periféricas e que, portanto, sequer eram entendidas como produtoras de conhecimento. Como consequência, à medida que epistemes não canônicas assumem centralidade em nossas pesquisas, redesenham-se visões de linguagem, emergem novos conceitos, tensionam-se metodologias tradicionais e incorporam-se agendas e perspectivas das vozes do sul. [...]. No contexto do Brasil contemporâneo, negros, mulheres, jovens, favelados, sujeitos periféricos em geral – nossas vozes do sul – vêm buscando espaço como produtores de epistemes em diferentes campos: na literatura e nas artes, nas universidades, na política (Felix et al., 2020, p. 209).

Dessa forma, outras narrativas e sujeitos passam a figurar na produção contemporânea de conhecimento, visibilizando saberes e práticas que reexistem à tradição de pesquisa – em geral, fortemente ancorada em valores coloniais e eurocentrados. Essas vozes apropriam-se da linguagem como instrumento estético-político-ideológico produzindo resistência ao racismo e a outras formas de opressão (Felix et al., 2020).

Silva e Losekann (2020) refletiram sobre a dimensão política do *slam poetry* como prática artística e manifestação social contestadora que produz crítica institucional, e que essa prática tem surgido no espaço institucional escolar, logo, buscou-se, principalmente, compreender tanto o processo de transposição do slam para as escolas quanto o que ocorre com o seu potencial político nesse novo ambiente.

Partindo do pensamento de Smith e Kraynak (2009), faz-se o seguinte contraponto:

Poesia pode parecer o mais óbvio e central dos elementos, porém, [...], não se trata de ver quem é o poeta mais brilhante. O *slam poetry* surgiu para resgatar a poesia, que, [...], era uma arte morta. [...] declamar uma poesia em público era normalmente visto como algo ridículo, de modo que o objetivo do slam era elevar novamente o poeta ao patamar de outros artistas performáticos, como músicos e atores. No universo literário e acadêmico, a ênfase no texto praticamente proíbe uma interpretação por quem o declama, o que, segundo eles, gera desinteresse do público em geral por leituras de poesia. Assim, para efeitos de avaliação, no slam, a performance do poeta é levada em consideração: sua interpretação, entonação e corporeidade (Silva; Losekann, 2020, p. 2).

Verifica-se que, apesar de instrumentalizarem o slam para o ensinamento de conteúdos diversos, o slam mantém seu potencial político no ambiente escolar, na medida em que busca democratizá-lo. Assim como Felix (et al., 2020), Silva e Losekann (2020) avaliam que o slam dar voz aos estudantes para se expressarem sobre problemas sociais, como o racismo, o sexismo, a violência e outros, e que podem ser abordados no espaço escolar, refletindo acerca desse próprio espaço.

Nesse contexto, Oliveira, Pedroza e Pulino (2023) discutem o conceito de escrevivência como as vivências que consideram as experiências de vida de estudantes negros/as para entender como ocorrem as relações raciais no Brasil e, assim, possibilitar o desenvolvimento de uma educação politizada e aberta à diversidade, que não se dá apenas com mudanças no currículo, mas na introdução de práticas pedagógicas que permitam a escuta das vivências da população negra, o que irá possibilitar entender como a escola compreende as relações raciais em seu cotidiano, e partir desse entendimento construir reflexões, diálogos e atividades voltadas para a diversidade racial no contexto escolar, visando uma educação antirracista.

Nessa perspectiva, Volmer, Souza e Conte (2020) analisam como o Slam propicia um novo espaço de produção e partilha poética, sugerindo caminhos para descobertas no âmbito da autoafirmação e do reconhecimento a respeito das múltiplas lutas pela conquista de espaço. Essa análise fundamentou-se, entre outras teorias e performances, na a slammer Natália Pagot, autora do poema “Eu sou a Revolta da Chibata”, que tem como trecho inicial:

Aperta o calo que incomoda
A sobremesa indigesta dessa branca festa
Cheia de sorrisos falsos e falsas modéstias
A etiqueta da tua mesa não reinventa essa moda de escravizar as minas pretas
Não sustenta 500 anos de treta da preta que mega desenvolveu
Saiu do subemprego e na faculdade se meteu
[...]. (Pagot, 2019)

O poema critica a subjeção da mulher negra ao branco explorador e abusivo, exaltando que esta mulher superou com o auxílio da educação, o que evidencia a importância do ambiente escolar para a formação crítica dos estudantes e para motivar uma nova forma de sociedade em que mulheres e homens, crianças, idosos e jovens, com suas etnias e sexualidades, tenham seus direitos validados e preservados com equidade e dignidade. Assim:

Ao debruçarmo-nos sobre os estudos do Slam, cuja dinâmica muito se assemelha à empregada nas batalhas de rap, também popularizadas no Brasil, encontramos o modo como as batalhas propiciam um novo espaço de produção e partilha poética, podendo abrir caminhos para descobertas no âmbito da autoafirmação e do reconhecimento a respeito das múltiplas lutas pela conquista de espaço. Essas lutas foram iniciadas no passado, mas precisam ser ressignificadas no presente, a fim de que as gerações futuras possam conhecer uma nova forma de sociedade em que mulheres e homens, crianças, idosos e jovens, com suas etnias e sexualidades, tenham seus direitos validados e preservados com equidade e dignidade (Volmer; Souza; Conte, 2020, p. 58).

Dessa forma, o Slam desempenha um importante papel na valorização e desvelamento de vozes historicamente marginalizadas socialmente, concedendo voz, por meio da poesia, àqueles a quem a história reservou a mudez.

Abreu, Rocha e Maciel (2021) deram visibilidade aos slams vivenciados “das ruas para as escolas, das escolas para as ruas”, grito que ecoa do projeto Slam Interescolar SP, entendendo que as batalhas de slam são como letramentos literários que promovem, entre as juventudes do Sul Global¹, espaços translíngues potencialmente criativos, críticos e transformativos. Nesse processo de visibilidade destacou-se os antecedentes e a trajetória da iniciativa organizada, desde 2015, pelo coletivo paulistano Slam da Guilhermina.

Nessa busca pela visibilidade, Abreu, Rocha e Maciel (2021) exploram entendimentos sobre translinguagem e decolonialidade, como prática cotidiana de resistência em contextos de luta, e a partir do ensinamento de que “somos todos translíngues, e não falantes nativos de uma única dada língua” (Canagarajah, 2013, p. 8), afirmam que:

[...] mesmo sendo considerados oficialmente falantes monolíngues, pelo peso de uma ideologia dominante redutora e opressiva, podemos nos entender como falantes bi/multi/plurilíngues, pela complexidade de nosso repertório, singular e multissemioticamente construído ao longo de nossas trajetórias (Abreu; Rocha; Maciel, 2021, p. 631).

Considera-se que a perspectiva translíngue desafia as mais diversas formas de subalternização e opressão na produção de sentidos e construção de saberes, permitindo o engajamento de grupos estigmatizados e excluídos, e promovendo alianças que reflitam diálogos de saberes e de aprendizagem compartilhadas de forma horizontal, em que essas vivências podem potencializar a presença de gretas e sementeiras das quais emergem gritos de resistência entre os jovens slammers.

¹ África, Ásia e América Latina.

Gelain (2021) partindo de um contexto histórico sobre o surgimento do *slam poetry*, apresenta uma análise de como esta cultura urbana é dotada de politicidades, permeada por produções e por consumo material e simbólico em processos comunicacionais e simbólicos que permeiam o *slam poetry*. A politicidade:

[...] é um movimento de consciência crítica, de independência reflexiva e de imersão no dia a dia político, cultural e social, uma capacidade humana de enxergar, refletir e expressar de modo crítico. Deste modo, a politicidade é compreendida, como um 'quê-fazer' do dia a dia, das ações estratégicas de participação e engajamento desses sujeitos na sociedade. Ou seja, não seria um conceito vinculado à política em termos institucionais (Gelain, 2021, p. 2-3).

Nessa perspectiva, durante três anos (2019 a 2021) observou-se o coletivo e encontro de poesia falada Slam Marginália, na cidade de São Paulo, e percebeu-se a existência de ações políticas e linguagens estéticas com uma infraestrutura tecnológica e comunicacional (Gelain, 2021).

Verifica-se que uma das particularidades significativas do *slam poetry* é a multiplicidade de vozes de diferentes gerações, narrativas, estilos, profissões, o que explicam que as batalhas são partilhas e encontros que promovem conversas, divergências e discordâncias, revelando-se como uma arte híbrida e democrática.

Assim como Abreu, Rocha e Maciel (2021), Melo (2021) se fundamenta no Slam da Guilhermina para apresentar e analisar o protagonismo da juventude negra a partir de processos desencadeados pelo *slam poetry*, entendido como “[...] resultado e parte de lutas globais por representações, positivação e valoração da vida da população negra” (Melo, 2021, p. 182).

Melo (2021) avalia que os slams estão inseridos em um contexto sociopolítico complexo em que é possível que jovens, sobretudo negras/os, protagonizem, através da poesia, performance, declamação e diversão, sonhos e lutas. E acrescenta que o Slam da Guilhermina está dentro da cultura de multiplicação em que “Multiplica-se dinheiro (verbas), pensamento, conhecimento, lazer, crítica social...” (Melo, 2021, p. 184), como uma prática social que jorra vida numa sociedade pós-colonial.

Prates, Guareschi e Reis (2021), partindo do viés da psicologia social, avaliam que as poesias no slam questionam a sociedade no contexto do racismo em suas diferentes dimensões, principalmente sobre formas de opressão que as batalhas tornam-se oportunas para a juventude negra apresentar narrativas, interagindo com seus iguais e produzindo relações que fortalecem, legitimam e valorizam suas vivências.

A partir da abordagem afrocêntrica e afrorreferenciada, os slammers materializam a problemática existente no campo social – o racismo - a partir de diferentes práticas humanas, logo:

A juventude negra, nas rodas de slam, desvela a multiplicidade de experiências que o social produz e evidencia que esse social nunca foi opaco – sempre foi preto. As rodas de poesia transformam dor, protesto, afeto e escrita científica em potências de vida, promovendo deslocamentos, abrindo fissuras em concepções que não colocam a juventude negra como agente de sua própria produção (Prates; Guareschi; Reis, 2021, p. 14).

Prates, Guareschi e Reis (2021) compreendem que há uma pluriversalidade de engrenagens para desconstruir a hegemonia epistêmica que ainda contribui para a reprodução de microfascismos na atualidade.

Santos (2021) utilizou textos da literatura afro-brasileira para apresentar o RAP e o SLAM como poéticas de protesto afro-brasileiras da contemporaneidade, fazendo um interligação com letras de músicas de obras de artistas como Emicida e César Mc, dentre outros, promovendo um diálogo através de aportes teóricos para compreender que tanto a literatura afro-brasileira quanto o RAP e o SLAM surgiram com o objetivo de dar vez e voz à comunidade negra e periférica, como “[...] uma busca para driblar um sistema racista e excludente, dominado por uma supremacia branca” (Santos, 2021, p. 6), em que os negros lutam por ascensão social.

A literatura afro-brasileira é um meio para se alcançar a representatividade negra na literatura, além de ser expressão da cultura, estética e ficção produzidas por escritores e escritoras negras para eliminar os papéis estereotipados que deram ao povo negro.

Contudo, a literatura afro-brasileira não consegue alcançar certos espaços na sociedade, principalmente periféricos, ao contrário do RAP e SLAM que têm uma facilidade maior para alcançar os territórios periféricos, se posicionando como poesia de protesto (Santos, 2021). “Daí, o diálogo com a literatura afro-brasileira na periferia pode ser mediada com o RAP e o SLAM. Obras literárias assim como obras do RAP e SLAM podem andar em conjunto e fomentar uma leitura da realidade” (Idem, p. 36), como poéticas de protesto contemporâneas afro-brasileiras.

Souza (2021) realizou um estudo sobre o processo histórico de formação do Movimento Slam em São Paulo, iniciado em 2008, suas filiações com outros movimentos, tais quais a Poesia Marginal Setentista e a Literatura Marginal e Periférica, e as redes de sociabilidade formadas pelos sujeitos que o integram, com

destaque para o Slam da Guilhermina, já citado por outros estudos neste trabalho, e que afirmam:

[...] conquista de espaços pelos poetas, como o das mídias sociais, utilizadas como veículos de divulgação de seus trabalhos e poesias. [...] leituras sobre o passado e a autorreferencialidade ao recontarem acontecimentos e contarem a própria história por meio de sua visão de mundo. Daí a importância de localizar o movimento no debate sobre a história pública. As possibilidades de pesquisa e as opções de aprofundamento do tema são vastos (Souza, 2021, p. 155).

Assim, esse apanhado sobre o processo histórico de formação do slam ressalta a importância da literatura em refletir as transformações do mundo e, desse modo, altera as percepções dos leitores sobre o mundo, desmascarando aspectos da realidade (Souza, 2021).

Bortolozzo e Rosaneli (2022) buscaram identificar a contribuição da *Grounded Theory* (Teoria Fundamentada), com inspiração construtivista, para a compreensão do poetry slam, ao observarem batalhas que ocorriam em espaço público de Curitiba (PR). Sobre a Teoria Fundamentada:

[...] o intuito é explicitar como os procedimentos emergentes e cíclicos propostos por ela ajudaram na construção científica de uma tese de doutorado em Geografia – portanto, preocupada com as dinâmicas dos espaços – especialmente, edificando-se por meio dos aportes construtivistas [...] (Bortolozzo; Rosaneli, 2022, p. 209-10).

Tem-se uma progressiva análise espacial, descrevendo a configuração dos *poetry slams* com foco no lugar, evidenciando as possíveis contribuições da rara utilização das metodologias científicas da Teoria Fundamentada em dados nas pesquisas geográficas, considerando aspectos locais (onde as batalhas ocorrem) e da geografia humana, assim entendidos:

[...] para tais pessoas, os poetry slams são entendidos a princípio como um ato artístico e cultural, posteriormente como político e, por último, como lazer. Neste sentido, demonstram o quanto os slams podem ter diferentes significados para cada um/a dos/as participantes, mas que faz transcender a função pré-concebida de um espaço que, geralmente, aos sábados durante o período noturno seria voltado apenas ao entretenimento. Durante o poetry slam efetuado em espaço público, revivia-se sua essência refletida sobre os conceitos da ágora e da pólis grega, conforme tratou Arendt (1998), e seu imaneente papel democrático de debates sobre a sociedade e a cidade sugerido por Habermas (2014). Pensada desde a cidadania contemporânea, as pessoas que participam dos slams levam ao espaço sua corporeidade, suas vozes e expressões artísticas e, conseqüentemente, suas territorialidades (Haesbaert, 2004), proporcionando aos lugares livre expressão e debates que muitas vezes são excluídos ou marginalizados nas

configurações históricas, culturais e socioespaciais dos centros urbanos (Bortolozzo; Rosaneli, 2022, p. 217).

Considerando a metodologia proposta e as observações nos locais públicos onde os slams se apresentavam compreende-se que esses espaços públicos serviam para exercitar a empatia e a tentativa de aniquilamento das “hierarquias das diferenças”, além do entendimento sobre a palavra identificação na tríade: identidade, representatividade, e interesse por temas em comum, emergindo territorialidades, lugares de convivência e a democratização dos espaços em questão nessa mistura de arte, protesto e sociabilização (Bortolozzo; Rosaneli, 2022).

Cristi e Lopes (2022) realizaram uma abordagem sobre o Slam através de uma perspectiva interdisciplinar - histórica, social e pedagógica – enquanto meio produtor de conhecimentos e conscientização pela linguagem, entendendo ser um processo em que “As narrativas e memórias corroboram as diferentes tensões que permearam e permeiam os cenários geográficos e históricos. E neste espaço de diferenças, a poesia oral não tem só o papel de uma luta estética [...]” (Idem, p. 175), é também lúdico e ensinamento.

Pedagogicamente, o slam desenvolve o letramento e promove a aprendizagem entre pessoas (construtivismo), pois durante uma apresentação acontecem trocas e compreensões que são remetidas e desenvolvidas por meio da oralidade, da expressão corporal, da produção da poesia e do tema em si (Cristi; Lopes, 2022). Além de despertar habilidades artísticas, incentiva os jovens a exercitarem o senso crítico, pois nas batalhas o objetivo é esclarecer e fortalecer na luta contra o preconceito e a opressão.

Socialmente se revela um como um espaço de acontecimentos, de cultura e de produção de conhecimento ao trazer as habilidades e competências que promovem o desenvolvimento humano, enquanto formação histórica, ideológica e de discurso (Cristi; Lopes, 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos analisados nessa revisão integrativa de literatura evidenciam a importância do slam como prática discursiva em sala de aula; como ferramenta de diálogo e combate a questões sociais que ainda colocam negros, negras, afrodescendentes, mulheres, dentre outras representatividades, em condições de

subjugação; e como meio para agregar diversão e conhecimento, ludicidade e conscientização.

Nessa perspectiva, a inserção do slam como prática pedagógica pode contribuir para que os alunos tenham de fato uma legítima participação social na atividade proposta e que esse protagonismo não fique apenas na escola, mas que eles levem isso para o cotidiano em todos os espaços onde estiverem, pois, suas ações hoje, contribuem e interferem nos locais onde estão inseridos.

O debate central neste trabalho foi a educação antirracista antecedida por uma discussão em torno do slam como prática que permite voz ao Movimento Negro e que se insere como prática pedagógica em apresentar a cultura negra e como “grito” de resistência, reexistência e escrevivência. Foi necessário situar o slam como lugar de fala e de manifestação sobre a diversidade em torno de questões relacionadas ao povo negro para assim dialogar sob a perspectiva de implantação de práticas pedagógicas para uma educação antirracista.

Por meio da prática do slam os alunos podem se tornar mais criativos no tocante à produção textual, além de exercitarem a oralidade e a desenvoltura, haja vista as batalhas de slam terem o objetivo de confrontar para gerar conhecimento e de incentivar a liberdade de expressão.

É preciso que toda a comunidade escolar tome ciência da necessidade de se adotar ferramentas que auxiliem no combate ao preconceito étnico-racial, bem como outros preconceitos que assolam a sociedade em sua totalidade. E o slam é uma dessas ferramentas.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. DOS S.; ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Letramentos literários e translinguagem entre as ruas e as escolas do sul global: o slam interescolar como prática enativo-performativa decolonial. **Trabalho em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 60, v.3, p. 626-644, set./dez. 2021.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

ALVES, I.; SOUZA, B. N. S. O Slam como representação de literatura marginal e manifestação cultural na escola. **Travessias**, Cascavel, v. 14, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2020.

BORTOLOZZO, G.; ROSANELI, A. F. Arte, protesto e sociabilização na praça: revelando práticas do poetry slam no espaço público curitibano. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia-MG v. 23, n. 88, p. 205–219, ago./2022.

CANAGARAJAH, S. **Translingual Practice**: Global Englishes and Cosmopolitan Relations. London/New York: Routledge, 2013.

CRISTI, M. A.; LOPES, A. da S. O Slam: linguagem, conhecimento e conscientização. **PragMATIZES** – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, Niterói/RJ, Ano 12, n. 23, p.165-190, set. 2022.

DZIEDICZ, J. C. P.; ZANELLA, C. Desenvolvimento do Senso crítico através do Slam. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 05, 3. ed., v. 08, p. 101-114, mar. 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/literatura/senso-critico>. Acesso em: 25 abr. 2023.

FELIX, N. B.; et al. **O gênero poetry slam: reexistência e construção da identidade negra como um grito das vozes do sul**. Revista da Anpoll, v. 51, n. 2, p. 208-217, 2020.

FREITAS, D. S. de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 59, e5915, 2020.

GELAIN, G. C. Slam poetry, consumo e politicidades: Pistas Iniciais Para Desenvolver Uma Investigação Narrativa. **Comunicon**, 2021. Disponível em: <https://comunicon.espm.edu.br/wp-content/uploads/2021/11/Gabriela-Cleveston-Gelain.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2023.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MELO, C. N. de. **A encruzilhada e as possibilidades do protagonismo da juventude negra: o caso do Slam da Guilhermina**. 2021. 200 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. ISSN: 2236-4242. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>. Acesso em: 25 abr. 2023.

OLIVEIRA, N. P. de; PEDROZA, R. L. S.; PULINO, L. H. C. Z. Escrevivências: possibilidades para uma educação antirracista. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, e280101, 2023.

PAGOT, N. **Eu sou a Revolta da Chibata**. Slam das Minas. Porto Alegre, 2019. 2min. 33s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I4bD1eV0l-A>. Acesso em: 29 maio 2019.

PAULA, J. de. Slam: literatura e resistência! **Revista Educação Pública**, v. 19, nº 30, 19 de novembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/30/slam-literatura-e-resistencia>. Acesso em: 25 abr. 2023.

PRATES, M. A.; GUARESCHI, N. M. DE F.; REIS, C. dos. O que a juventude negra do slam tem a dizer para a psicologia social? **Psicologia & Sociedade**, v. 33, e251657, 2021.

SANTOS, T. C. E. dos. **O rap e o slam como poéticas de protesto contemporâneas afro-brasileiras**. 2021. 39 f. Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.

SILVA, C. R. da; LOSEKANN, C. Slam poetry como confronto nas ruas e nas escolas. **Educação Social**, Campinas, v. 41, e228382, 2020.

SOUSA, M. Z. S. **Slam em movimento**: a poética, a política e a história em público (2008-2019). 2021. 164 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2021.

SOUSA, F. R. S.; et al. Formação docente na perspectiva da educação antirracista como prática social. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, e19366, p. 1-16, 2022.

UCHÔA, M. M. R.; CHAVES, C. A. P.; PEREIRA, C. E. Currículo e Culturas: a Educação Antirracista como direito humano. **Revista Teias**, v. 22, n. especial, out./dez .2021.

VIANA, L. **Poetry slam na escola**: embate de vozes entre tradição e resistência. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

VOLMER, L.; SOUZA, S. da S.; CONTE, D. Slam: poesia e performance de resistência: poetry and endurance performance. **Revista Desenredo**, [S. l.], v. 16, n. 1, 2020. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/10348>. Acesso em: 25 abr. 2023.